

*Artigos Originais***O USO DA MEMÓRIA COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA PARA A ESCRITA DE UMA HISTÓRIA***Original Articles***MEMORY USAGE AS RESEARCH DEVICE FOR WRITING A STORY**

Alcides Leão Santos Júnior*

<http://lattes.cnpq.br/3224272172587880>alcidesleao@uern.br

CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

**RESUMO**

Aponta-se o percurso metodológico utilizado para desvelar o Movimento das Professoras Primárias da Rede Estadual de Ensino iniciado na cidade de Salvador/BA, em setembro de 1947, como uma mobilização que culminou na criação da entidade representativa da categoria. Utiliza-se a memória dos sujeitos que vivenciaram tal movimento e a aponta como um instrumento de pesquisa capaz de entrelaçar momentos vividos e vivenciados em um tempo-espaço fazendo, também, um entrelaçamento de olhares entre as memórias dos sujeitos da pesquisa, do aporte teórico e da compreensão de mundo do pesquisador. Em suma, utilizar a memória como metodologia de pesquisa permite olhar para a nossa história sob o olhar de quem a vivenciou e tira do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou.

Palavras-chave: memória. história da educação. organização docente. procedimentos de pesquisa.

ABSTRACT

This paper points out the methodological path used to unveil the Elementary Teachers of State Schools Movement, started in the city of Salvador/BA, in September 1947, as a mobilization that culminated in the establishment of a representative entity of the category. We use the memory of the subjects who have experienced that movement and point it as a research tool able to entwine moments lived and experienced in a space-time. We also do a glances interlacing, between the memories of the subjects, the theoretical contribution and understanding of world of researcher. In summary, using memory as research methodology

* Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Fundamentos da Educação, do Curso de Enfermagem, Campus Caicó, da Universidade do Estado do Rio grande do Norte (UERN). Líder do Grupo de pesquisa em Educação, Saúde e Pensamento Complexo (UERN).

allows us to look at our history under the gaze of those who experienced and strip from oblivion what the official history buried.

Keywords: memory. history of education. teaching organization. search procedures.

INTRODUÇÃO

Uma sociedade é marcada pelos movimentos que produz. Dessa forma, pode ser entendida, também, enquanto produto desses movimentos. Sendo movimento, ela é mutável e metamórfica no seu agir e no seu pensar. Essas características que ora se apresentam de maneira diferenciada, em cada instância dos seus elementos constitutivos, estão presentes nos ideais que produzem a ambiguidade entre solidificar e transformar ações e pensamentos.

Igualmente, o universo de tensões que se instaura no cotidiano de uma sociedade permite aos sujeitos encontrarem seu lugar no cosmos. Esse dinamismo incentiva práticas de inserção dos indivíduos para conviverem e coabitarem em espaços comuns. Em tais espaços, o binômio Sociedade e Educação reveste-se de relações multirreferenciais e nos conduz a refletir que as vozes silenciadas dos sujeitos sociais, calados pela/na História em um determinado tempo-histórico, podem ser memoradas e expressas no tempo presente.

No âmago dessa discussão, interessa-nos apontar os percursos metodológicos que utilizamos para desvelar o Movimento das Professoras Primárias, da Rede Estadual de Ensino iniciada na cidade de Salvador/BA, em setembro de 1947, como uma mobilização que culminou na criação da entidade representativa da categoria: a Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP), em nossa dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em abril de 2006 (SANTOS JÚNIOR, 2006). É importante frisar que o termo professor primário hoje não é mais utilizado. O termo que equivale atualmente a mesma modalidade de ensino é professor da educação básica.

Para iniciarmos esta composição é necessário frisar que a narrativa da pesquisa tem sua gênese na primavera de 1947. Este período é marcado pelo

início da estação das flores que possivelmente, fazendo alusão à referida estação, fez desabrochar na categoria dos professores primários do Estado da Bahia uma semente que fomentou o florescer de um acontecimento local, mas que pode ser visto como um fato que marcar a História da Educação, especificamente do estado da Bahia, e a História de luta da Mulher. Pois compreendemos que reivindicar a importância da mulher na história, segundo Scott (1992b, p. 77, grifo do autor), “[...] significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como 'verdadeiros', ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado.”

Com este intuito, ao comentar sobre a gênese da SUPP enquanto uma ação de mobilização formada por mulheres professoras, trata-se de inscrever na História da Educação Baiana o papel fundamental das professoras primarias, da rede estadual de ensino, na criação da primeira entidade da categoria no estado da Bahia.

É bom frisar que o cenário da narrativa desse acontecimento evidencia que, como de costume, no mês de setembro as Unidades Escolares da capital baiana festejavam a chegada da primavera com muita animação. Contudo, na Escola Estadual Maria Quitéria, situada no bairro de Brotas em Salvador/BA, foi deflagrada uma inquietação, para alguns uma revolta, conforme fonte documental que descreve a criação da SUPP, já que os professores tomam conhecimento de uma Tabela de Cargos e Salários instituída pelo Decreto-lei nº 13.741, de 18/09/47, e assinado pelo então Governador Octavio Mangabeira (1886 – 1960) que iguala os vencimentos dos Professores Primários aos dos agentes de serviços gerais.

Na Revista Comemorativa do 1º Decênio de Criação da SUPPSUPP (SOCIEDADE UNIFICADORA DE PROFESSORES PRIMÁRIOS, 30/11/1957. p. 11 – grifo da autora) foi possível observar a narrativa da Professora Esmeralda a respeito da Tabela de Cargos e Salários publicada no Diário Oficial que para a mesma poderia ser comparada a:

[...] uma bomba que devasta corpos e vida esta chega devastando as alegrias e provocando revoltas dos professores da Escola Estadual Maria Quitéria que consegue articular-se com outras Unidades Escolares, pois teria que ser feito algo que viesse demonstrar a

"capacidade e a união dos Professores contra o que se achava injusto e desrespeitoso."

Lúcia Barreto Almeida Souza, Luzia Martins de Souza, Esmeralda Aragão, Irene de Araújo Falcão, Abelita Gama da Paixão, Helena Sampaio Cruz, Maria Costa Figueiredo e Eleusina Uzel constituem-se como representantes desse movimento que, não satisfeitas com a situação, resolvem redigir uma carta de indignação e a publica no periódico de maior circulação do Estado da Bahia, na época, o jornal "A Tarde".

Como a situação da categoria não fora resolvida, o grupo resolve convidar os demais professores, através de visitas às escolas do município de Salvador, para realizar uma reunião a fim de explanar a insatisfação da classe. Aragão (2002, p. 3) comenta que:

Lucia idealizou e realizou o maior movimento de união dos professores primários, criando, com um grupo de colegas da Escola Maria Quitéria, onde ensinava, a Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP), com o apoio e entusiasmo de Luzia Martins, a grande líder, e muitos outros colegas.

Este encontro seria os primeiros momentos que viriam eclodir na criação da Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP). A dinâmica para a adesão de mais professores continuou sendo a mesma e os anúncios passaram a ser frequente, sendo financiados pelos próprios professores, que logo após resolveram montar um jornal (*A Voz do Professor*) para viabilizar a socialização das informações entre os professores.

O movimento se organiza e ganha repercussão estadual e nesse contexto, após vários encontros, consegue ser ouvido pelo então Secretário Estadual de Educação e Saúde, Anísio Teixeira, que se mostra solidário à causa e aos anseios dos professores. Ao longo desse processo surge a SUPP, uma entidade criada para defender os interesses dos professores primários no Estado da Bahia.

Em suma, a participação feminina nas entidades de classes e de categorias sempre foi marcada por muita desconfiança pela sociedade civil e pelas próprias entidades. Assim, aqui pudemos inferir como, mais uma vez, as mulheres rompem os obstáculos que as direcionam para os afazeres domésticos e profissões

consideradas menos privilegiadas socialmente e se veem na linha de frente dos movimentos sociais e de interesse de categoria.

O PERCURSO METODOLÓGICO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA

Tomando como expressão principal a criação da SUPP, nosso olhar emergiu do contato que tivemos com essa Instituição por ocasião do seu cinquentenário, na cidade de Salvador, em 1997.

Ao estudar esse movimento, retorno à minha condição de professor do ensino fundamental com todas as excitações que movem este ofício. Tal retorno contempla narrativas de fatos e de vidas, eis o olhar pelo qual a presente narrativa nos direcionou a investigar o Movimento das Professoras Primárias no ano de 1947. Lembramos que o uso do termo no gênero feminino é para destacar a participação de mulheres professoras desde a idealização até a sua oficialização enquanto entidade representativa. Ao longo do trabalho, faremos uso dos termos professor e professores para generalizar a categoria.

Assim, a presente narrativa constitui-se em um momento de diálogo e reflexão sobre a forma como percebemos a práxis educativa e social. Em primeiro lugar, identificamos a falta de referências sobre o tema, daí porque, como pedagogo e curioso pela História da Educação, percebi uma escassa referência bibliográfica acerca dos acontecimentos que marcam a história educacional baiana, tendo os professores como sujeitos. Em segundo lugar – a reflexão, decorrente dos estudos sobre memória, nos levou a crer na inexistência de temáticas de estudos situadas nessa época de criação da SUPP. Dessa maneira, ao estudar este movimento procuramos encontrar respostas às nossas inquietações sobre a História da Educação no Brasil, especificamente, na Bahia.

Essas tensões tem nos levado a acompanhar o olhar por onde a História da Educação Brasileira e Baiana revelam suas inquietudes, suas promessas, suas aspirações, seus desejos e seus sonhos. Mas, também, vimos que essas histórias evidenciam e nos fazem debruçar em mobilizações, lutas, vitórias e derrotas tão importantes nos processos de vida profissional e social. (SANTOS JÚNIOR, 2006, p. 18)

Como dispositivo de pesquisa utilizamos a memória como um instrumento de pesquisa capaz de entrelaçar momentos vividos e vivenciados em um tempo-espaco que não é o nosso. Dessa forma, fizemos um entrelaçamento de olhares entre as memórias dos sujeitos da pesquisa, do aporte teórico e da nossa compreensão de mundo.

Para este cruzamento de olhares como recurso metodológico foi necessário recorreremos a uma entrevista estruturada, pois estamos trabalhando com “[...] uma memória emprestada e que não é minha.” (HALBWACHS, 2004, p. 86). A escolha desse instrumento deu-se porque comungamos com o pensamento de Freitas (2001, p. 84-85), quando diz que a entrevista é “[...] uma troca de experiências entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que [...] estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão.”

Para a concretização desse diálogo, um fator que corroborou com a estruturação da entrevista foi o encontro que tivemos com a Professora Lúcia Barreto de Almeida Souza, em agosto de 2003 com o objetivo de buscarmos fontes e ver a viabilidade na elaboração do projeto de pesquisa para um possível mestrado. As informações adquiridas, nesse encontro, transformaram-se na assunção de um desejo, de uma paixão, de um compromisso em reconstruir e registrar a Memória da Organização Docente, porque o não registro dessas memórias seria um arranhão na minha identidade profissional.

Após a aprovação no mestrado os encontros se tornaram frequentes, mas as entrevistas que não se configuraram como uma “camisa de força” que aprisionasse o diálogo, pois elas aconteceram num clima descontraído sem o formalismo ou sem a preocupação com o uso da linguagem culta. Lembramos que após a aprovação no mestrado outros sujeitos foram inseridos na pesquisa.

Assim, em novembro de 2004, a partir das leituras das Atas de Posse da SUPP – único documento encontrado relativo à origem da Instituição, e das informações da Professora Lúcia Barreto de Almeida Souza - elaboramos uma lista contendo os nomes das professoras primárias que participaram do Movimento de criação da Sociedade Unificadora de Professores Primários, em setembro de 1947, na cidade de Salvador/BA.

Após identificarmos os professores, o próximo passo foi o contato com os mesmos. Através de informações verbais, tivemos a infelicidade de saber que dez deles já haviam falecido; duas não se sabem o paradeiro; e, após contato com os demais, ficou perceptível que outras duas professoras não tinham condições de rememorar os acontecimentos. Assim, nosso diálogo se restringiu às Professoras Esmeralda Maria de Aragão, Lúcia Barreto de Almeida Souza e Luzia Martins de Souza.

Com o propósito de fazer dessa pesquisa um diálogo polifônico e multirreferencial, em nossas conversas formais e informais durante os momentos em que íamos à Sede da SUPP, na Avenida Carlos Gomes, em Salvador, éramos apresentados, pela Vice-Presidente, Professora Helenita de Santana, aos associados. E numa dessas conversas, com o apoio dos funcionários da Associação chegamos aos nomes da Professora Clarice Fortuna, que, na década de 1940, era estudante da Escola Normal da Bahia e da Professora Claudemira Ribeiro de Moura, à época professora primária no interior da Bahia.

Dessa forma, ao escolhermos a memória como ponto de partida para a (re)construção de um fato histórico, faz-se necessário o confronto com os diferentes atores sociais pois “[...] as histórias narradas pelo grupo pesquisado não são representações exatas do seu passado, mas trazem vestígios desse passado, moldados para que se ajustem à identidade e às aspirações atuais de cada um.” (CARVALHO, 2000, p. 73). Diante dessa situação, nossa pesquisa foi realizada com quatro professoras primárias da capital e uma do interior do estado da Bahia que vivenciaram o processo de criação da SUPP.

Munido da entrevista e da relação nominal dos sujeitos para o diálogo, começamos a agendar os encontros. O primeiro passo foi buscar uma forma de contactar com essas educadoras. Com a Professora Lúcia Barreto de Almeida Souza, conseguimos os números dos telefones das Professoras Esmeralda Maria de Aragão e de Luzia Martins de Souza. Com a Professora Helenita de Santana (então Diretora da SUPP em 2005), os das Professoras Clarice Fortuna e Claudemira Ribeiro de Moura.

Após conversas ao telefone explicando os objetivos da pesquisa, as entrevistas aconteceram individualmente em tempo e espaços diferenciados,

conforme determinação dos entrevistados diante das suas disponibilidades para as entrevistas. Ao partir para o encontro com nossos sujeitos, levamos em conta que, segundo Caldas (1999, p. 101):

As representações do tempo e a ordem específica de cada narrativa diz respeito à mais íntima estrutura, tanto da singularidade como da coletividade. É, antes de tudo, representação coletiva de tempo, de ritmos, de acontecimentos e histórias; é como o indivíduo, a fala e o mundo se tornaram o que são. Ao mesmo tempo, essa temporalidade específica é profundamente delicada.

Na construção desse passado, fomos aos encontros munido de um bloco de notas, canetas, de um microcassete, além de uma carta de cessão de direitos autorais. Os diálogos aconteceram em locais de trabalho, em residências, obedecendo a essa ordem: Professoras Lúcia Barreto de Almeida Souza, Luzia Martins de Souza, Esmeralda Maria de Aragão, Clarice Fortuna e Claudemira Ribeiro de Moura.

Esses encontros nos deixaram atentos para os vestígios de um passado moldado pelas representações das aspirações atuais e pelas memórias que foram encaminhadas ao esquecimento por não terem tanto significado no presente. Uma memória é carregada por histórias agradáveis e desagradáveis. Assim, Carvalho (2000, p. 74) comenta:

Os sentimentos e experiências perturbadores que ocasionaram um desequilíbrio na identidade são reprimidos da memória consciente e só trazidos a público pela memória involuntária, pelas respostas incisivas do entrevistador. Estas memórias ocupam o espaço do esquecimento.

É preciso postular que um trabalho de rememoração é uma ação tecida em conjunto e operada pelas instâncias psíquicas e sociais. Portanto, é uma reflexão sobre uma mudança de um tempo e de uma sociedade. A memória passa a ser entendida, também, como uma fonte de informação pessoal, que ao longo dos anos, vão sendo atualizadas a partir das experiências socializantes. Halbwachs (2004) deixa evidente que lembrar não é reviver, mas (re)construir com pensamentos e imagens atuais. Todavia, na relação entre homem e sociedade lembrar passa a ser

uma ação coletiva porque a memória sustenta-se no interior do grupo e objetiva o registro de experiências individuais inseridas num contexto social. Assim, precisamos deixar claro que, durante a transcrição, alguns acontecimentos posteriores ao tempo espaço dessa pesquisa, 1947-1951, e alguns vícios de linguagem foram retirados do texto para torná-lo mais coloquial.

Ainda dentro do nosso propósito, para a interpretação das memórias transcritas, selecionamos Docência e Movimento Social enquanto categorias de análise, formando um eixo temático que articula as questões da entrevista com a construção histórica das memórias. Isso porque uma história é escrita a partir de vestígios e registros deixados de uma geração para outra.

Em suma, acreditamos que uma pesquisa a partir do entrelaçamento de memórias transfigura-se em uma produção de conhecimentos a partir de histórias singulares que se plurais. Unir experiências vividas não se constituiu em um processo de filtragem de informações, mas em um momento de enriquecer o aporte de ideias e vivências possibilitando, assim aos sujeitos que suas histórias sejam conhecidas e socializadas.

CONSIDERAÇÕES

O processo de construção de uma identidade e valorização profissional conduziu as professoras primárias, da Escola Maria Quitéria, a lutar contra uma equiparação salarial que não consideravam justa. Ainda que na prática docente ficasse evidente o discurso da democracia e da ética ao dissertar essa temática não estamos livres em incorrer em preconceito.

Num espaço de tempo em que se vivia o tumultuado final da “Segunda Grande Guerra Mundial” e em que as diferenças local, nacional e internacional fazem ressurgir os movimentos sociais (negro, índio, operário, etc.), as diferenças entre as categorias e classes ficaram mais evidentes. Dessa forma, para evidenciar acontecimentos vividos com e pelo olhar de quem os vivenciou o dispositivo da memória como metodologia de pesquisa permite trazer à tona fatos e reconhecer os sujeitos como protagonistas da história da humanidade.

Com o recurso da memória dos sujeitos que a fizeram foi possível perceber que o movimento das professoras primárias baianas não estava desassociado de um contexto local-nacional e internacional. Pelo contrário, ele é resultado de ideais democráticos que imperavam na época.

Dessa forma, entendemos que o movimento das professoras primárias constitui-se num momento de reflexão e amadurecimento profissional. Reflexão porque estabeleceu os alicerces para a valorização dos professores primários da rede de ensino estadual tanto no aspecto financeiro como na elevação da estima. Ao longo do tempo veio o amadurecimento e as lutas sucessivas para o respeito e valorização da classe.

A nossa pretensão de resgatar um segmento da experiência humana, no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro a serem construídos através do uso de fontes orais – memórias – nos estimula à reflexão sobre as formas pelas quais a história é construída.

Em resumo, entendemos que a Memória enquanto metodologia de pesquisa é uma ferramenta que permite olhar para a nossa História sob o olhar de quem a vivenciou, é uma história vista de baixo, uma história local e do comunitário, que procura retratar o viver e o fazer dos humildes e dos sem-história, tira do esquecimento aquilo que a história oficial sepultou. Levando em conta essas premissas ela é necessária para (re)afirmar aqueles e aquelas que lutaram para a construção desse país.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Esmeralda Maria de. Uma escola saiu do lixo. **A Tarde**, Salvador, 12 out. 2002. Caderno 2. Seção Ultraleve. p. 3.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagem. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAHIA. Decreto, de 18 de setembro de 1947. Em vista da proposta do Serviço Público por antiguidade de acordo com o art. 50, do Decreto-lei 12.076, de 28 de outubro de 1941, Emilio de Araújo Leite, ocupante do cargo da Classe A, da carreira de Auxiliar de Portaria, para o Cargo da Classe B, da mesma carreira do Quadro de Funcionalismo Público Civil do Estado. Parte Permanente em cargo constante do Decreto-lei 185, de 17 de março de 1944, ficando lotado na Secretaria de Educação

e Saúde. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Poder Executivo, Salvador, 21 set. 1947. Seção Atos do Poder Executivo – Decretos. p. 1428.

_____. Decreto-lei nº 13.741, de 18 de setembro de 1947, Tabela X – Pessoal do magistério e auxiliares de serviços de Educação e Cultura - Cargos e carreiras permanentes. In. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Poder Executivo, Salvador/BA, 18 de setembro de 1947, Seção Atos do Poder Executivo, p. 331

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. **Memórias da campanha “De Pé no Chão”**: 1961-1964 (o testemunho dos participantes). 2000. 440 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres**: o século XX. Lisboa: Porto Afrontamento, 1995.

FREITAS, Joseania Miranda. **A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato**: entrelaçamento de personagem e a instituição. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira**: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. **Mulheres professoras**: memórias da organização. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

SCOTT, Joan Wallach. El problema de la invisibilidad. In: ESCANDÓN, Carmem Ramos. (Org.). **Gênero e história**. Ciudad del México: Instituto Mora : Ed. UAM, 1992a.

_____. Historia das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da historia: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992b.

_____. **Uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993.

SOCIEDADE UNIFICADORA DE PROFESSORES PRIMÁRIOS. **Revista Comemorativa do 1º Decênio**. 30/11/1957. Mimeo.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Ser professor: pistas de investigação**. Brasília, DF: Plano, 2002.

Artigo recebido em: 18/08/2014.

Aprovado em: 01/04/2015.